

SEJA BONZINHO PORQUE SE NÃO DEUS CASTIGA: O DISCIPLINAMENTO NAS ESCOLAS

ANTÔNIO GERMANO MAGALHÃES JÚNIOR¹

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquina. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta as pessoas e as coisas que não têm voz.

FERREIRA GULLAR

A Irmã sabia quem transgredia no momento da hóstia. As meninas que não comungavam na missa matinal, era porque tinham algo a esconder. Lembro-me do carnaval. Havia um buraco no banheiro que dava para o salão de baile de um clube que tinha carnaval. As meninas maiores subiam em cadeiras para assistir o baile. Eu não subia porque era pequena. O problema era que no dia seguinte tinha que se confessar antes de comungar. E quando não dava para se confessar não se comungava e a freira desconfiava².

O disciplinamento escolar se construiu historicamente. Temos no relato acima descrito um exemplo de educandas, que entre os medos de serem punidas pelas freiras, podendo chegar a ser algo que gerava dor ou humilhação, e o medo de Deus, medo do pecado, preferiam as reprimendas das freiras a possibilidade de enfrentar os horrores do inferno. Um medo de pecar. Mas quem instituiu os pecados? Construções de comportamentos, medos, arrependimentos e disciplinamentos. Mas como se construiu historicamente as práticas disciplinares nos estabelecimentos escolares? Percorreremos entre os escritos

¹ Prof. da UECE e Faculdades Christus, graduado em Pedagogia e História, Doutorando em Educação. Coordenador do curso de Especialização em Metodologia do Ensino de História –UECE.

² Relato da Professora Helena Silva. Educadora aposentada da UECE, que foi aluna de uma escola de formação de educadoras na década de 60.

de Michel Foucault, autor que se preocupou particularmente com uma história da disciplina, resgatar um pensar sobre a vigilância e a punição buscando entender as práticas disciplinares nas escolas.

Foucault é o historiador em estado puro: tudo é histórico, a história é inteiramente explicável e é preciso evacuar todas as palavras em ismos (Veyne, 1998: 270). Encontraremos no referido autor uma verdadeira desconstrução de “verdades” que mantiveram práticas dentro e fora de instituições como escolas, hospícios e cadeias. Desfez as certezas porque foi em busca de compreender os discursos, o que se queria modelar com as palavras ditas. Vozes que se faziam verdades. Discursos que referendavam práticas elaboradas maquinicamente, objetivando toda uma economia de ações. Realizou uma análise do enquadramento em modelos de corpos que precisavam ser burilados e remodelados. Vidas que tinham que ser vividas por padronizações recheadas de medos e verdades. Uma vontade de ser que tinha que arrefecer e transforma-se em disciplinamentos. Uma análise da construção de uma economia do corpo. *A História, então serve a Foucault para demonstrar e não mais para narrar; dessa maneira, ele não constrói narrativas evolutivas de um objeto, mas coloca-se no lugar preciso onde a prática engendra o objeto que lhe corresponde* (Tronca, 1987: 8). Um autor que busca nas práticas uma história. Visita arquivos em busca de discursos. Falas muitas vezes tidas como “marginais”, tais como: o caso dos presos, loucos ou porque não os escolares. *Nos séculos XVI e XVII, os contemporâneos situavam os escolares no mundo picaresco dos soldados, criados, e de um modo geral, dos mendigos. As pessoas honestas que possuíam algum bem desconfiavam tanto de uns como de outros* (Ariès, 1981:184).

Passaremos a mergulhar em narrativas e histórias. Visitar Foucault é caminhar na insegurança. Inseguros porque na história de nossas vidas “aprendemos” a seguir verdades. Não procuraremos relatar ortodoxias e sim buscaremos entendê-las, verificar seus aspectos de ferramenta no gerar padrões. A obra foucaultiana nos faz uma exposição de questionamentos e nos faz questionar e questionarmos a tudo que tenha o discurso de verdadeiro.

Se iniciarmos o nosso mergulho nos próprios dizeres de Foucault, encontremos no livro *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, uma análise dos procedimentos disciplinares.

Uma das idéias essenciais de Vigiar e Punir é que as sociedades modernas podem ser definidas como sociedades “disciplinares”, mas a disciplina não pode ser identificada com uma instituição nem com um aparelho, exatamente porque ela é um tipo de poder, uma tecnologia, que atravessa todas as espécies de aparelhos e de instituições para reuni-los, prolonga-los, fazê-los convergir; fazer com que se apliquem de um novo modo (Deleuze, 1988:35).

Foucault relata que, principalmente, no período histórico conhecido como Idade Média, existia um disciplinamento que se fazia prática com a mutilação dos corpos. Disciplinar se fazia pelo exemplo do fracionamento e da perda do corpo. Fazer dos transgressores mil pedaços. Sofrimentos em público. Dor sentida e vivida não só pelos que estão sendo sentenciados mas por todos aqueles que olham. Ao olhar sentem as dores. Passam a vingar-se no descumprimento da Lei. *O condenado, depois de ter andado muito tempo, exposto, humilhado, varias vezes lembrando do horror de seu crime, é oferecido aos insultos, às vezes aos ataques dos espectadores. Na vingança do soberano, a do povo era chamada a se insinuar* (Foucault, 1998 b: 49). O povo presença e age contra o que não podem fazer, pensar ou mesmo sonhar. Práticas que são punidas com o pedido de perdão. O perdão que se fará verdadeiro com o sofrimento do corpo. A dor como exemplo e correção. Uma construção histórica que se fará presente e respaldada em um discurso religioso.

Na tradição cristã encontram-se passagens bíblicas que retratam a importância da disciplina. *Um discurso fora de propósito é como a música no luto; / mas o castigo e a doutrina em todo o tempo são sabedoria.* (Bíblia Sagrada. 1979: 764). Um dizer “sagrado” que se fará e viverá como verdade. Um modelo a seguir. Coisas a não fazer. Toda uma existência de mediações perante a possibilidade do pecar. O medo de não entrar no reino dos céus. A formação de um corpo asséptico. No período medieval a disciplina se fazia pela força. Força que deixava marcas no corpo. Queimar. Jogar ao vento. Todo um ritual do fazer purificar pelo extermínio completo daquele corpo que pecou. Tem que ver o sofrimento. Os relatos inquisitoriais registram inúmeros casos de condenados que tinham que ver suas entranhas serem queimadas. Retirava-se rapidamente do corpo do duplicado seus intestinos para se fazerem cinzas a sua frente na perspectiva de poder ver o próprio corpo arder para purifica-lo dos pecados cometidos. O martírio se fazia cotidiano em uma época em que o poder absolutista unia-se com as forças da igreja católica em um fazer social que deveria imperar as vontades do rei em nome de Deus.

...O suplício antecipa as penas do além; mostra o que são elas; ele é o teatro do inferno; os gritos do condenado, sua revolta, suas blasfêmias já significam seu destino irremediável. Mas as dores deste mundo podem valer também como penitência para aliviar os castigos do além; um martírio desses, se é suportado com resignação, Deus não deixará de levar em conta (Foucault, 1998 b:40).

Uma punição, aceita com resignação, contará para complacência de Deus no momento do julgamento das ações terrenas em relação aos pecados cometidos anteriormente pelos seres mundanos. Todo um submeter à disciplina. Um fazer “correto” para buscar a salvação. Uma existência ascética. Vontades suprimidas em nome do não sofrimento eterno. Um medo do inferno. A

glória seria a entrada no céu. Mas como a escola toma papel de engrenagem nessa máquina de modelar corpos, vontades e ações?

No período medieval a escola também utilizou todo um aparato disciplinar do corpo, munindo-se com a dor física e a humilhação. A institucionalização dos colégios religiosos marca um momento importante da organização e das práticas disciplinares. Foi construído todo um discurso e uma prática do disciplinamento.

A nova disciplina se introduziria através da organização já moderna dos colégios e pedagogias com a série completa de classes em que o diretor e os mestres deixavam de ser primi inter pares, para se tornarem depositários de uma autoridade superior. Seria o governo autoritário e hierarquizado dos colégios que permitiria, a partir do século XV, o estabelecimento e o desenvolvimento de um sistema disciplinar cada vez mais rigoroso.

Para definir esse sistema, distinguiremos suas três características principais: vigilância, a delação erigida em princípio de governo e em instituição, e a aplicação ampla de castigos corporais (Ariès, 1981:180).

A escola não fugia aos fluxos de poder de uma sociedade em que funcionava toda uma economia do corpo. Uma vida com regras em nome do Rei e de Deus. As punições físicas eram uma prática cotidiana nos estabelecimentos que ministravam a “boa educação”. A escola funcionava como um modelar “ortopédico”, fazer corpos dóceis, seguidores de uma verdade religiosa e de uma “boa conduta”. A busca de uma sociedade sem conflitos. Um lugar como o céu. Toda uma hierarquia que deveria ser exemplo de um viver, cordial e santo.

Mas, as formas disciplinares mudam. Ocorre um redimensionamento de forças. Um novo modelo de fazer. Quando as execuções públicas começam a agitar os que assistiam o suplício, começa-se a mudar as ferramentas do gerar a “ordem”. Novas práticas são instaladas. Uma economia no dirigir os corpos deve zelar pela eficácia da ação. *No fim do século XVIII e começo do XIX, a despeito de algumas grandes fogueiras, a melancólica festa de punição vai-se extinguindo* (Foucault, 1998 b:12). Se procurarmos entender esse redimensionamento de forças, poderemos encontrar diversos motivos mas, nos dizeres de Foucault, parece ter ocorrido uma reestruturação de uma economia disciplinar.

O que se vai definindo não é tanto um respeito novo pela humanidade dos condenados – os suplícios ainda são frequentes, mesmo para crimes leves – quanto uma tendência para uma justiça mais desembaraçada e mais inteligente para uma vigilância penal mais atenta do corpo social (Foucault, 1989 b: 66).

Os estabelecimentos escolares não ficam isolados em relação às transformações que passam a teia social. Novas técnicas de vigilância e punição são colocadas em prática.

Na França, a opinião pública manifestou uma repugnância pelo regime disciplinar escolástico que resultou em sua supressão por volta de 1763, quando as autoridades tomaram a condenação dos jesuítas como pretexto para reorganizar o sistema escolar.

O caráter servil e aviltado do castigo corporal não era mais reconhecido como adaptado à fraqueza da infância. Ao contrário, ele provocava uma reprovação de início discreta, mas que se iria ampliar. Surgiu a idéia de que a infância não era uma idade servil e não merecia ser metodicamente humilhada. Essa repugnância, despertada aqui pelo castigo dos alunos pequenos, tornou-se habitual não mais chicotear os alunos de retórica. (Ariès, 1981:181).

O "relaxamento" da antiga disciplina escolar correspondeu a uma nova orientação do sentimento da infância. Um novo olhar em que a criança não necessitava da humilhação. Tratava-se agora de despertar na criança as responsabilidades que a sociedade impunha aos adultos, a busca de uma dignidade. Começa-se a reconhecer as etapas do desenvolvimento infantil. Percursos que devem ser trilhados na busca da formação digna para uma sociedade pautada em uma marcante diferenciação social. Havia diferenças nos modelos e objetivos educacionais dependendo das características econômicas de cada indivíduo mas, essas diferenças não influenciavam no momento da aplicação das punições. ...todas as crianças e jovens, qualquer que fosse sua condição eram submetidos a um regime comum e eram igualmente surrados (Ariès, 1981:180).

Percebemos, até aqui que, houve mudanças no pensar e fazer um processo de disciplinamento nas diversas instituições que compõem a sociedade. Disciplina que servia, e serve, para manter, sublimar vontades, geram corpos dóceis e produtivos. A escola não ficou de fora dessa economia. Tendo como fundamento à prevenção dos delitos como o fim último dos castigos, à escola utilizará ferramentas de vigilância e punição tendo como propósito o enquadramento em uma política que impõe uma relação de docilidade-utilidade.

Como mencionamos anteriormente a disciplina tem uma história.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e

inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos (Foucault, 1998 b: 119).

A citação acima demonstra a existência de relações de poderes nas práticas disciplinares. Mas por que utilizamos a palavra poder no plural? Foucault fez também estudos sobre as praticas de poder. Demonstrando que as relações unilaterais de poder não são modelos explicativos tão eficazes e quiméricos como demonstravam, e ainda tentam demonstrar, algumas correntes teóricas. Tratemos um pouco do conceito de poder porque precisaremos dele no entendimento das práticas disciplinares.

Para Foucault poder não é algo que um alguém particular conquista, mantém e perde. Poder se exerce por todos aqueles que vivem e interagem no cotidiano. Estes feixes de força, os quais formam o poder, agem em cada um de diferentes formas e não é privilégio de poucos. Assim temos um repensar dos conceitos de dominantes e dominados, disciplinadores e disciplinados, sujeitos e sujeitados. Todos aqueles conceitos maniqueístas são questionados. Surgem dúvidas, emergem contradições, verdades são desfeitas em desilusões. Sonhos de uma sociedade de iguais com o fim de uma classe detentora do “poder” vira motivo de polêmicas e acordares de sonhos idílicos.

Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda estrutura social. Não é objeto, uma coisa, mas uma relação. E esse caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra seu exercício não possam ser de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento de poder (Foucault, 1998 a:14).

Encontramos na citação acima uma redefinição do poder. Surgem novos lugares habitados pelos feixes de poder. Poder não se tem, se exerce. A disciplina é uma ferramenta de poder. Encontraremos nos estabelecimentos escolares manifestações de vontades de quem possui a posição de “mandante”, posto de quem pode falar, mas que também sofrerá a infiltração dos fluxos de poder, forças exercidas nas teias relacionais que se materializam nas convivências humanas nos diferentes espaços sociais. A escola não é um ente isolado do todo social. Nas múltiplas formas de convivências dentro dos muros de um estabelecimento educacional encontramos manifestações do que está fora das delimitações físicas do espaço escolar. Mas, se tratando das manifestações de

poder estas fronteiras se alargam, entrelaçam-se, confundem-se e tornam-se modelagens plásticas construídas a cada momento, influenciadas por um tempo, espaço e contextos particulares. A disciplina escolar construiu-se e ainda se constrói em uma teia relacional. Forças que se exercem em múltiplas direções de interesses e valores.

O espaço escolar é ambiente de funcionamento de poderes. Passemos agora a analisar ferramentas disciplinares que podemos encontrar nos estabelecimentos educacionais e que nos auxiliarão a entender o funcionar da maquinaria da disciplina, que se move com o combustível das diferentes formas da vontade de fazer.

Começemos a pensar algumas manifestações ferramentais do disciplinamento pela materialização de uma arquitetura. Foucault analisou a utilização do *Panopticon*, modelo de vigilância na intencionalidade de uma ortopedia disciplinar. Mas, como seria está utilização de uma estrutura desenhada para servir de olhos que estão presentes mesmo sem serem vistos? O *Panopticon* é uma formação arquitetônica que possui uma modelagem na qual as celas, quartos, salas de aula, o nome depende da instituição, estão voltados para uma construção central que feita com toda uma tecnologia, de quem quer ver sem ser visto, proporcionam aos que, estão dentro do ambiente central, vigiar mesmo sem está dentro. Mas poderíamos perguntar: como vigiar sem está dentro? A presença se faz pelo medo e pela incerteza de que tem alguém a olhar. Sente-se a presença de um olho, na realidade mil olhos se fazem sentir. Nas escolas, existem relatos de que, mesmo dentro dos banheiros, estão presentes desenhos de um olho, em um ambiente utilizado para a prática de necessidades fisiológicas, dentre elas a masturbação, que naquele que ao entrar perceberão que existe um olho na parede e que foi nomeado como o olho de Deus, já que o mesmo se faz onipresente. Passe-se a sentir o medo do pecar, uma culpa que acompanha os gestos, as vontades, os exercícios de uma maturação sexual. Imaginemos toda uma luta interior entre a vontade de saciar os prazeres sexuais e o medo do olhar perpetuo e vigilante de Deus.

A arquitetura se faz disciplina. Na formação das carteiras nas salas de aula, nas filas separadas por sexo, nos banheiros com aberturas nas portas na parte de baixo e círculos na altura da cabeça de quem deverá está sentado no sanitário demonstrando feições faciais que não aparentem gozos. Manifestações de prazer que serão vigiadas por todos que estejam no banheiro. Rostos vigiados em qualquer momento ou situação. Uma verdadeira prática do modelar comportamentos, pensamentos e até o medo dos sonhos.

Existe toda a construção discursiva daqueles que possuem o direito, acreditando que é na realidade um dever, de falar o que é certo e errado. Como "caminhar" na busca do acertar e ser bom, cidadão digno, alguém que a sociedade pode admirar. Sabemos que o dizer tem toda uma construção de intenções.

Por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas conseqüências, por mais facilmente esquecido

que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente (Foucault, 1997:33).

Percebemos assim que, o dizer por menos intencional que pareça, exerce um poder, já que é acontecimento, se faz exercer no pensar e no corpo de quem escuta, geram-se forças, reações que se transformam em ações, as palavras materializam-se como medos e até, por que não, transgressões, já que não podemos deixar de considerar os múltiplos efeitos que as palavras, ou construções arquitetônicas, ou qualquer outra forma de tentar modelar, pode agir em sentido "contrário", estimulando a prática de algo nomeado talvez como pecado, indisciplina, desordem ou qualquer outro adjetivo que venha a significar o não corpo dócil e ortopédico.

Pensar sobre as ferramentas disciplinares atuantes na escola é pensar, também, sobre o disciplinamento dos pensares, sentires e fazeres sexuais, dentro e fora dos referidos estabelecimentos.

Não se trata de um discurso, que muitos acreditam, da ausência dos falares sobre sexo. Existiu e existe todo um pensar e um fazer do disciplinamento da sexualidade. Mas por que este tema sempre foi motivo de polêmicas? Talvez pelo poder que os rápidos segundos do orgasmo podem gerar de vontades e descumprimentos de normas e disciplinamentos. São breves momentos de um frenesi que não se pode controlar no momento do sentir. Por isso, talvez, o medo. Pela dificuldade do controle, pela sensação prazerosa e inebriante, por tudo aquilo que ameaça uma ordem do poder controlar-se.

Seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação defe-rentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores (Foucault, 1997 b: 31-32).

Pensar que a escola deixou o sexo fora de suas paredes, manuais, códigos e práticas é desconhecer toda uma estratégia, uma verdadeira maquinação de controle. Controlar aquilo que parece instintivo, natural, caindo em processo de irracionalidade, desrazão, verdadeira vontade de sentir, sentimento de que está vivo. O corpo que perde o controle em espasmos de prazer. A prática do controlar por aqueles que sabiam e sabem do poder da vontade de sentir os "prazeres da carne" não podiam e nem podem ficar de fora dos estabelecimentos de "formação" de homens e mulheres. As técnicas da disciplina se faziam e se fazem ainda presente nos múltiplos aspectos de uma escola.

O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios (com ou sem separação, com ou sem cortinas), os

regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das Crianças (Foucault, 1997 b:30).

Não se deixa nada fora do controle. São agenciamentos que geram a modelagem, padronização de corpos e ações. Para isso desde o cobrir partes do corpo que podem gerar uma “estimulação” até o interdito do falar, são ações permanentes no cotidiano daqueles que convivem nos ambientes destinados a instrução escolar. O só poder falar quem e qualificado, como o médico, o psicólogo ou o professor, faz tudo os outros. Pessoas que tem a autoridade e a pseudo “seriedade” para tratar do assunto gerenciam os dizeres. Mas o falar do sexo também tem lugares reservados para poder falar. Todos podem falar em certos momentos e lugares. Não só podem como devem dizer tudo. *A confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo* (Foucault, 1997 b: 62). A hora de falar o que não poderia ser feito, dito, pensado ou mesmo sonhado. Momento de confessar. “Pequei e agora peço perdão”. Um disciplinamento no dizer. “Não pecarei mais”. Uma busca pelo ascetismo. O Céu será dos não pecadores. Uma vigilância que se estabelece a cada momento de vida, a cada pulsar de desejos, a sublimação é uma constante a cada viver. Ser puro. Os santos serão os exemplos. Uma vida vigiada, punida.

Os estabelecimentos escolares não só vigiam e punem. Neles também existem transgressões. Lá sempre existiram vidas que se fazem e refazem. Fluxos que perpassam vontades e medos que se tornam práticas cotidianas. Temos que melhor entender essas ferramentas de disciplinamento. Sabendo que existem, como se engrenam em máquinas que agenciam e modelam. Saber como agem e como podemos agir. Saber que também podemos. As coisas se misturam partes e todo. Formam uma teia cheia de nó, que significam amarrações e agenciamentos de viveres. Formas de comporta-se.

Foucault em um de seus últimos trabalhos escreve sobre um poder que não só disciplina o corpo mas as populações. Relata que os dois estão imbricados e maquiados. *Pode-se mesmo dizer que, na maioria dos casos, os mecanismos regulamentadores de poder, os mecanismos disciplinares do corpo e os mecanismos reguladores da população, são articulados um com o outro* (Foucault, 1999: 299).

Depois de realizamos cortes temporais e buscarmos compreender um pouco como se construiu e funcionam historicamente algumas ferramentas disciplinares, que existem nos estabelecimentos escolares, percebemos que os mecanismos de poder são microfísicos. Feixes que cruzam desde uma punição com palmatória perante toda uma turma, como também um olhar de reprovação ou o medo da onipresença de Deus. Ações que geram conseqüências fruto do medo do pecar. Somos seres humanos que a cada pulsão de vida encontramos estas forças que nos penetram e nos fazem agir. Somos construção. Mas precisamos conhecer melhor, entender, as ferramentas que são utilizadas nesse construir. Precisamos procura ser um Eu. Seres viventes que agem também com seus prazeres, desejos, gozos, transgressões.

Bibliografia

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos S.A., 1981.
- BÍBLIA SAGRADA**. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997 a.
- _____. **Em defesa da sociedade**: Curso do Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. 12ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997 b.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1998 a.
- _____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1998 b.
- TRONCA, Ítalo A. (org). **Foucault vivo**. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.